ANO 3.º LISBOA—SABADO, 20 DE OUTUBRO DE 1923 N.º 779

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Seculo, 43

Uma explicação

Entre as muitas cartas que, no decorrer dos ultimos dias, nos foram dirigidas—umas elogiando-nos, outras apreciando com severidade a nossa atitude combativa—ha uma que encerra este periodo:

—«Você, que é um vendido, anda com certesa a preparar, com outros da sua laia, um movimento revolucionario, no meio da perturbação que a sua campanha tem causado».—

Para tranquilidade do simpatico anonimo, que tão perfeitamente excogitou os negros pensamentos que nos movem, devemos dizer-lhe que se nos achamos, em luta, contra toda a banha de Lucio de Azevedo, deve-se isso ao facto de ele, em pleno Parlamento, nos chamar varios nomes, todos ofensivos da nossa dignidade de homem e de jornalista.

O *Diario de Lisboa* não é, nunca foi, nem jamais será um jornal de odios e violencias.

Vivendo fóra de partidos e paixões, mantem-se alheio a tudo o que possa traduzir-se por uma quebra da sua correcção.

Procura ser sincero, pelo menos, quando não possa ser justo.

Se, uma ou outra vez, a indignação lhe sobe ao rosto, mostrando-se decidido a salvaguardar o seu direito a dizer a verdade, se bem que sempre com bons modos, a culpa não é sua, mas sim de certos sugeitos que se esquecem de que as suas intrujices e torpesas ainda não cubriram a face do sol.

Nunca provocámos a calunia.

Pelo contrario, é a calunia que nos provoca a nós.

Imaginar que alimentamos a ideia estupenda de atear uma nova revolução é desconhecer completamente o nosso caracter e o nosso passado.

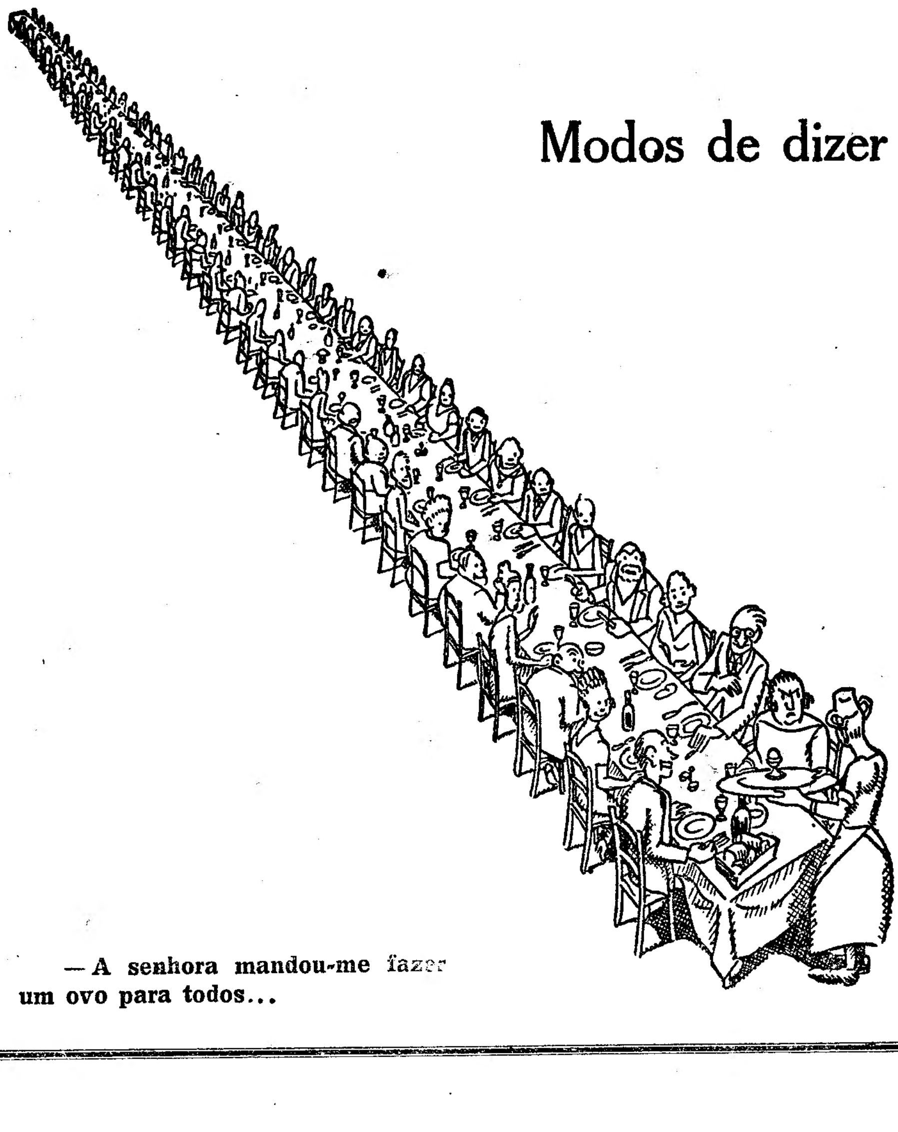
Temos o seguinte orgulho—pertencemos ao reduzido numero dos portugueses que não só nunca conspiraram, mas nem mesmo sentiram vontade disso.

Somos contra as revoluções que, salvo casos especiais e muito resumidos, podem representar uma grande afirmação de estupidez colectiva.

Pouco importa mudar nomes e substituir pessoas, se os vicios e os costumes que os apoiam persistem.

Sem fazer barulho, quasi em surdina, Portugal encontraria o seu caminho de salvação. Bastava-lhe educar-se, criar, no culto do trabalho, afeição á democracia.

Modos de dizer



—A senhora mandou-me fazer um ovo para todos...

DO ilustre professor e director do Instituto de Medicina Legal, sr. dr. Azevedo Neves, recebemos a seguinte carta:

Sr. director. — O sr. Sidonio Pais muito me honrou e distinguiu mostrando-me, antes que a pudesse ler no *Diario de Lisboa,* a carta que v. publicou ontem. Nela reconhece que, embora lhe seja «sumamente desagradavel» eu afirmar em publico existirem erros na obra de seu muito ilustre pai, em mim seria absurdo admitir a intenção de diminuir a sua grande figura. Não haja duvidas; nem existe intenção de desrespeitar a obra de seu pai, nem de a apoucar, nem de diminuir a consideração pela sua memoria. Nada disto se pode concluir da leitura do meu artigo; é esta, tambem, a opinião de todas as pessoas por mim ouvidas e entre as quais se contam três secretarios de Estado do malogrado presidente.

O meu artigo pretende reivindicar para Portugal, e portanto para Sidonio Pais, e este nome é tão grande que não se lhe devem antepôr as formulas habituaes da cortezia, como ninguem as antepõe aos outros grandes vultos da historia, o inicio das ditaduras actualmente dominantes na Europa latina, o que ninguem até então tinha feito em letra de imprensa. Não fica mal a um amigo e colaborador de Sidonio Pais, a homenagem de relembrar que ele foi o grande precursor, e talvez o mestre, de Mussolini e de Primo de Rivera, e tirá-lo do esquecimento, embora outros, com melhores serviços e maior competencia, a pudessem ter prestado. Estudei, depois, as razões que impediram o pleno e imediato exito da obra de Sidonio Pais. Evidentemente, para encontrar as causas do malogro da sua ditadura não iria analisar as «extraordinarias qualidades» do ditador, mas rebuscá-las nos factos que se considerassem ou se me afigurassem como erros. Deduzi um corolario e para que? Para que os factos citados e postos á luz do dia, e confrontados com os dum outro ditador inspirado na obra do presidente, levassem os meus compatriotas a reflectir ponderadamente sobre as circunstancias que, a meu ver, devem cercar uma ditadura, para que ela seja coroada de sucesso. Isto é combater a obra de Sidonio Pais ou as ditaduras? Nunca; o combate parece-me um erro, quando na Europa se está generalisando e recorrendo a esse processo de governar.

Fica-me mal a mim, amigo e colaborador de Sidonio Pais, vir a publico apontar como erros determinados casos? Mas porquê? Em primeiro logar Sidonio Pais é Alguem, é uma grande figura historica que deve ser estudada, para que da analyse dos seus actos possa resultar beneficio para a Patria a que ele imolou a sua vida. Depois, e pelo que me respeita pessoalmente, como eu fui modestissimo auxiliar de Sidonio Paes, durante pouco tempo, e em nada influe a questão do muito ou do pouco tempo, eu ou via os erros e cumpria-me sair do ministerio, ou se alguns compreendi e apontei, argumentos haveria que desfizessem o meu modo de pensar e doutro modo o orientassem, ou só mais tarde, depois, os teria reconhecido. Seja como fôr, a mim, insignificante colaborador, pertence-me uma quota parte nos erros. Aponta-los é confessar a minha quota parte nos erros. Fica-me mal ter a hombridade precisa para o afirmar e deles tirar lição para o presente? Nunca pretendi negar a minha quota parte nas responsabilidades da «situação».

E para terminar declaro que sinto profundamente ter sido desagradavel ao sr. Sidonio Paes, sobre quam faço reflectir a grande estima e veneração que tenho pela memoria de seu Pai, que não pertence sómente aos filhos, mas tambem á Patria. Da vida e feitos do Presidente quiz sómente tirar lição para o País. Não analisei a obra de Sidonio Paes, mas unicamente as razões de não ter tido o exito completo que eu desejava. Para descobrir as razões dum malogro não era entre as virtudes que as recontraria.

Muito agradeço a v., sr. director, o favor de publicar estas linhas no seu excelente jornal e de aceitar os testemunhos da minha subida consideração. De v. etc., *Azevedo Neves.*

* * *

DEVE ser distribuida na segunda feira a «Ordem do Exercito» n.º 18, 2.ª série.

A POLICIA de investigação que, como muitas pessoas que nasceram com sina de infelicidade, é muitas vezes a ultima a saber o que se passa, tem tido no caso já tão falado dos cheques falsos, um trabalho deshumano para descobrir os delinquentes.

Mas, felizmente, ainda não desanimou e está lançando mão dos mais habilidosos e raros «trucs» para a captura dos criminosos.

Sabe-se pelos relatos das gazetas, que a pessoa que levantou os quinhentos contos, da Caixa Geral dos Depositos, deixando como deposito de garantia um cheque falsificado, usa oculos fumados.

Pois a policia, que não devia precisar de lunetas, tem interrogado varios cidadãos que, por defeito visual, usam vidros fôscos deante dos olhos.

Qualquer sujeito de mediana inteligencia descobriria, sem estragar o cerebro, que o «homem dos oculos fumados» nunca poderia ser um nem presbito, nem miope.

Que as vistas do «cavalheiro» eram bem largas, provam-no á evidencia a facilidade com que realizou o negocio.

Os oculos foram com certeza um instrumento de disfarce.

Não queira a policia de investigação obrigar os que vêem pouco a privar-se dos vidros de aumentar—em beneficio dos que vêem muito...

* * *

O VALIOSO anel que um anonimo enviou á actriz Laura Costa na noite da sua festa artistica no teatro Maria Vitoria, e que aquela notavel e querida artista ofereceu ao *Diario de Lisboa* para ser vendido em beneficio dos pobres, já tem o lanço inicial de dois contos.

* * *

O SUMARIO do n.º 42 dos «Fantoches», de Rocha Martins, que hoje foi posto á venda, é o seguinte:

«Primeira carta de Portugal ao seu companheiro John Bull squire»; «Selo branco é...»; «As ferias do assassino de Sidonio»; «O exercito e os altissimos serviços á Republica»; «O Senhor Benito, pedreiro» e «Os nossos senhores adesivos».

* * *

MUITAS familias judias deixam a Baviera, refugiando-se na Italia e no Tirol, com receio de perseguições.

E' triste que o odio de raça, renasça ainda das suas cinzas, em certos países, para molestar os que trabalhavam em paz.

Muito mais triste ainda é que, a coberto dum certo nacionalismo, as paixões desvairadas não receiem tornar-se homicidas.

* * *

SAIU o n.º 4 de «A Novela», brilhante «magazine» semanal, que publica excelente colaboração literaria e artistica.

A avultar no numero que temos presente, figura uma novela humoristica do distinto escritor Henrique Roldão, intitulada «D. Freixo de Espada á Cinta».

* * *

A PEÇA de Ramada Curto, *A fera,* vem publicada, na integra, no ultimo numero da revista *de Teatro,* brilhantemente dirigida pelo ilustre *comedian,* homem de teatro, sr. dr. Mario Duarte.

* * *

ESTEVE hoje na nossa redacção, a apresentar-nos os seus cumprimentos, o brilhante parlamentar catolico sr. dr. Juvenal de Araujo.

As moedas

Três cartas

Sobre o caso das moedas, recebemos três cartas que não podemos publicar na integra, devido á falta de espaço. Na primeira, lembra o sr. Mateus de Barros que, em nome da Société d'Electro-Metallurgie de Dives, juntamente com o sr. engenheiro Raul de Mendonça, representante da Empreza Trepileries & Laminoires du Havre, apresentou um projecto para que a proposta apresentada pela Compagnie Française des Metaux seja anulada, visto não ter cumprido o disposto na condição 7.ª das bases do concurso publicado no «Diario do Governo». Confia em que o sr. Ministro das Finanças não fará a adjudicação, sem ouvir sobre o caso a Procuradoria Geral da Republica.

A segunda carta é do sr. Aboim Inglês, que afirma ter sido a comissão de que faz parte, encarregada apenas de propôr a melhor forma de adquirir os discos de bronze de aluminio. Em 19 de Setembro deram o seu parecer, cessando a sua funcção. Foi ele quem propôz a clausula, exigindo aos concorrentes 100 libras de deposito provisorio e o deposito de 10 por cento do valor da proposta, no momento da adjudicação.

A terceira carta é do sr. Emilio da Silva Carvalho, director-gerente da Industria Social, Limitada que afirma o seguinte:

«Esta sociedade, primitivamente sob a fórma de cooperativa, foi transformada em sociedade por quotas por escritura de 10 de Maio de 1920. O Ex.mo sr. Anibal Lucio de Azevedo fazia parte da antiga Cooperativa, com uma quota de duzentos escudos e, pela transformação, para a nova sociedade, a sua quota foi-lhe valorisada, como a todos os socios, em cinco mil e duzentos escudos.

Até 6 de Julho de 1921 adquiriu aquele senhor, como outros consocios, parte de quotas de socios que voluntariamente se apartaram desta sociedade num valor aproximado de treze mil escudos, tendo sido, nesta data, feita nova escritura elevando o valor das quotas dos socios em mais 100 por cento por efeito da desvalorisação do papel-moeda.

Por ser verdade devemos ainda esclarecer V. que o capital dispendido por aquele senhor na acquisição de quotas, foi-lhe emprestado por um dos actuais gerentes e pelo guarda-livros, socio tambem, aos quais tem vindo pagando com os lucros que da propria fabrica tem recebido. Fica assim, nesta parte, plenamente justificada a fortuna que S. Ex.ª possue nesta sociedade.

Quanto aos maquinismos da Casa da Moeda que S. Ex.ª manda para a nossa fabrica, para concerto, devemos ainda esclarecer que nunca dali recebemos qualquer maquina para reparação, limitando-se os nossos fornecimentos a trabalhos de fundição de ferro de que aquela Casa não possue oficina, e estes feitos a preços de concorrencia e perfeitamente iguais aos fornecidos á administração do Porto de Lisboa, e outros estabelecimentos do Estado e ainda a particulares, o que podemos provar com a escrita da nossa sociedade que fica á sua disposição como prova do que expômos».

PETIT PARIS
Henriqueta Moreira & C.ª
Rua do Carmo, 33
Segunda-feira, 22, inauguração da Estação de inverno com originaes Chapeus Modelos adquiridos nas principaes Modistas Parisienses.

"Pinolavin,,
Contra as insomnias e anemia
DEPOSITARIOS
Costa & Campo L.da
RUA AUGUSTA, 229, 3.°

EDEN-TEATRO
Telefone 3800-Norte
Empresa Teatral Campos & Correia, Limitada
COMPANHIA PORTUGUESA DE OPERETA E REVISTA
HOJE — ás 21,15 (9,15 da noite)
Grandioso sucesso
A representação da celebre opereta portuguesa, em 3 actos, original de *Eduardo Schwalbach Lucci*, musica do maestro *Filipe Duarte*
O Chico das Pêgas
Nascim. Fernandes no antigo papel de *Salmonete*

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

CRONICA FINANCEIRA

O OIRO e os mercados

A discussão do "modus-vivendi" com a Companhia dos Tabacos de Portugal

Foi votada, como se sabe, a proposta de lei de um *modus-vivendi* com a Companhia dos Tabacos, que o sr. Victorino Guimarães deixára e que o actual ministro das Finanças alterou no quantitativo do rendimento fixo minimo e livre para o Estado — 10.000 contos anuais. Além disso, redigiu-se um artigo em que fica taxativamente acautelada a futura liberdade contratual do Estado, extincto que seja o praso do actual contracto — abril de 1926. Foram assim atendidas as doutrinas que o *Diario de Lisboa* frequentemente expendeu e que no seu artigo de quinta-feira ultima intitulado *Altos valores do Estado* recapitulava.

Procederam muito bem o sr. Velhinho Correia e o Parlamento que assim honrou a iniciativa em tempos tomada pelo sr. Antonio Fonseca, no mesmo sentido.

Por agora, os interesses geraes do Estado estão salvaguardados como compete a quem por eles responde.

Esperemos que, nas emergencias que hão de seguir-se, os altos valores do Estado continuarão a ser defendidos de forma precisa e categorica.

* * *

Fala-se num projecto de politica financeira inglesa, inspirado pelas instantes necessidades da sua politica economica.

O problema é nitido e já por nós aqui expresso logo que se esboçou: o alto valor da libra que deu á Inglaterra, de braço dado com os Estados-Unidos, a supremacia da divida no mercado mundial do dinheiro, tornou-se para a Grã Bretanha — como tambem para os americanos — um motivo de paralisação das suas industrias. A moeda valorisada bloqueia os produtos que os mercados de moeda enfraquecida acabam por não poder consumir.

E' a origem da crise industrial inglesa, é a causa da crise americana.

Assim vive a Inglaterra, depois da guerra, creando-se a classe dos «sem-trabalho» que teve de ser considerada no orçamento.

O combate á *chômage* tornou-se, pois, um assunto para os economistas ingleses e uma preocupação séria para os seus governantes. Alguma coisa conseguiram os poderes publicos, e nos primeiros, meses senão com alvoroço, era pelo menos com visivel esperança que as repartições de estatistica britanica nos comunicavam ter decrescido o exercito dos desempregados. Mas sobe ainda a milhão e tal o numero de homens sem trabalho. A vida economica inglesa, após quatro anos de paz, não se normalisou. A causa do mal é patente: a alta da libra, que, congestionando a situação inglesa nos mercados do dinheiro, a vai atrofiando nos mercados compradores.

E, como os países de moeda desvalorisada não dão mostras de revalorisar as suas divisas, a Inglaterra vê-se num *impasse*.

Solução?

Baixa da libra. E' o desejo, mais: a necessidade da Gran-Bretanha.

Mas—sirva isso de lição aos que têm a pretenção de regularisar cambios e forçar saneamentos de moeda—fazer baixar o valor do ouro é tão dificil como fazer subir o valor do papel-moeda, desvalorisado por causas classicamente imutaveis.

Nessa emergencia se discute em Londres o projecto de provocar artificialmente a baixa da libra para que os mercados de compra se possam abrir á produção britanica.

Como?

Fazendo uma inflação fiduciaria.

Para atingir o seu objectivo, a Inglaterra precisa de fazer baixar a libra na proporção de 15 % do seu actual valor.

Imagine-se a soma de papel-moeda que os ingleses têm de estampar para obter esse resultado.

E não surgirá a duvida de que, alcançado o que se pretende, o fenomeno não exceda as necessidades, continuando a baixa a dar-se além do que se quiz provocar?

Bem sabemos que a simples queima do papel emitido para provocar artificialmente o desvalor da libra fará subir automaticamente a divisa-Londres.

Em todo o caso desencadear um mal depende sempre de uma consideravel coragem.

Mas quando a finança inglesa não correr risco, os depositantes estrangeiros que tenham os seus depositos em libras é que talvez não queiram arcar, pelo menos, com o transitorio susto de assistir á baixa. Não nos admiraremos, pois, que o que os governos desses depositantes não conseguiram por na verdade infrutiferos meios coercivos, venha agora a dar-se por esta natural razão.

Seria até certo ponto um bem para os paises de moeda desvalorisada, se uma voluntaria inflação fiduciaria inglesa provocasse a repatriação desses capitais, que desde a guerra se têm ido refugiar em Inglaterra.

Há, é certo, a contar com o proprio prestigio britanico, e que não surpreenderia ninguem, depois de termos assistido a esse preconceito do marco de que o mundo todo enfermou. Lembremo-nos que já vem rareando o delirio inflatorio do Reichsbank. Nalgumas cidades da Europa havia «bicha» ás portas dos cambistas para a compra do marco. Quanto mais o marco acelerava a sua sombria marcha para o zero, maior era o entusiasmo dos compradores de marcos.

Não pode hoje oferecer duvidas a ninguem que a Alemanha fez muito de industria, a sua inflação, mercê da qual captou o ouro da *épargne* de muitos paises que a guerra deixára arruinados. Povos, que negaram dinheiro ao seu país, foram desvairadamente levá-lo ao Reichsbank.

Lavraram-se ruinas assim.

Ora, todos os avisos, toda a evidencia da baixa irremediavel do marco, todo o patenteado proposito do governo alemão em estampar papel-moeda, para captar o dinheiro estrangeiro, sem se importar para nada com a queda do marco, toda essa politica financeira que assumiu as proporções das massas de tropas que os alemães despejaram nos campos do Marne, nada dissuadiu ou arrefeceu sequer o preconceito de que o genio alemão restabelecerá a paridade da sua moeda.

Se isso se deu com a finança alemã, como não se dará com o projecto financeiro britanico, sabendo os mercados de dinheiro que é um plano de boa fé, concebido por um estudo de são finanças?

Quem nos diz, pois, a nós, que a libra não resiste em certa medida á tentativa de artificialmente lhe diminuir o valor?

Seja, porém, como fôr, duas conclusões se tiram, mais uma vez, deste fenomeno:

1.ª Que o valor sugestivo da moeda é um elemento de atrofia dos mercados produtores, em intima correlação com os mercados do dinheiro.

2.ª Que se nos paises de moeda desvalorisada a vida é dificil e inspira apreensões, não o é menos nos paises que se tornaram os detentores do oiro — a Inglaterra e os Estados Unidos.

TEATRO SÃO LUIZ
HOJE — Ante-penultima representação da popular opereta
VIUVA ALEGRE
Aldina de Sousa no papel de Ana Glavary
Terça-feira: O SONHO DE VALSA

Quem são? Quem são?
os miudos e os graúdos
da sociedade portuguesa?
Quem são?
Lá o diz, todas as noites, o RODA VIVA na revista
O Pé de Meia
o grandioso exito do
APOLO

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Madame Belfort Ramos, D. Maria Constança de Mendonça da Silveira, D. Julia Flavia de Moura e Silva e D. Maria da Assunção de Martins Ferrão Gomes de Matos.

E os srs.:

Drs. Antonio Alves de Oliveira e Tomás de Gambôa Bandeira de Melo.

E depois de amanhã as senhoras:

Viscondessa de Asseca, D. Mariana da Costa de Sequeira, D. Clotilde Amalia de Oliveira Bastos, D. Berta de Sousa e Vasconcelos de Carvalho, D. Maria José de Serpa Pimentel e D. Maria Ana de Castelo Branco.

E os srs.:

Dr. Geraldin Antonio de Queiroz e Melo, Manuel Joaquim Alves Diniz e Eduardo José Lupi.

—Fizeram anos ontem e ante-ontem, respectivamente, as senhoras D. Maria Alice Taveira Martins e Sousa e D. Palmira Mendes.

Casamento

Está justo o casamento da sr.ª D. Lydia Buzaglo com o sr. dr. Luis Vieira de Castro.

Pontos de reunião

No Nacional

Está aberta, até ao dia 25 do corrente, a assinatura para oito récitas neste teatro, as quais compreendem quatro «premiéres e quatro reposições, e que, estamos certos, terão o cunho de distinção das anteriores.

Brevemente começaremos a publicar a lista das pessoas que tomarem esta assinatura.

Agenda

Esta noite, a nossa primeira sociedade dá «rendez-vous» no Cinema Condes, onde, em sessões da moda, se exibem «films» de grande exito, além de um delicioso concerto pelo magnifico sexteto, e ámanhã, de tarde, nas «matinées» do Salão Foz e Chiado Terrasse.

Veraneios elegantes

Figueira da Foz, 18 de setembro

Na tarde de ontem, linda tarde de outono, realizou-se na magnifica quinta do Vizo, explendida propriedade da sr.ª D. Maria do Loreto de Borja Trindade, amavelmente cedida para esse fim, o tradicional «magusto», organisado por um grupo de meninas da nossa sociedade elegante, que ainda aqui se encontram, o qual decorreu sempre debaixo da maior animação e alegria.

Antes de se dar começo á merenda espalharam-se os convidados pela quinta desfrutando a magestosa vista que se enxerga das trazeira da encantadora vivenda.

Terminada a merenda dançou-se o «vira» e o «estaladinho», sendo este marcado pelo sr. Antonio Andrade e Silva, que mais uma vez se evidenciou um explendido marcador, sendo estes acompanhados á guitarra pelos srs. Vasco e José Couceiro Leitão Rito.

Foram tambem tirados, como é de uso varios grupos poligraficos.

Eram perto das oitos horas quando se fez o regresso á Figueira dos convidados extremamente encantados com as ilustre proprietaria e suas gentilissimas filhas D. Maria do Loreto Manuel e D. Maria do Carmo, pelas amabilidades recebidas.

Na assistencia notaram-se as sr.as:

D. Virginia de Abreu Caroça, D. Berta Couceiro Leitão Rito e filhas, D. Maria do Ceu; D. Izabel Souto de Almeida Rainha, D. Henriqueta de Brito e Castro, D. Beatriz Sarmento Sousa Pires e filha D. Maria Antonia; D. Maria José da Luz e D. Maria dos Prazeres Toscano, D. Mariana Vieira de Campos, D. Margarida Barata Alpoim, D. Maria dos Prazeres Luz, etc., etc.

E os srs.:

Conde de Vinhó e Almedina, dr. Manuel Caroça, dr. Antonio Cesar de Almeida Rainha, José Rito dos Santos, José Vieira de Campos Brito e Castro, capitão Carlos Luis Pereira de Almeida, Teofilo Duarte, Albano Caldeira Ferreira Pinto Basto, Manuel Souto de Almeida Rainha, Antonio de Andrade e Silva, Vasco e José Couceiro Leitão Rito, D. Nuno, etc., etc.

Amanhã realiza-se na praia grande um almoço organisado pelo mesmo grupo de meninas e sabado um almoço na Serra da Bronagem.

D. Nuno.

PROF. JOÃO MANTUA
Contabilidade e Curso dos Liceus
RUA DA GRAÇA—65-B, 3.°, E.

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, anemia, etc., sistema estrangeiro.
Calçada da Estrela, 13, 1.° Esquerdo

Policlinica do Intendente
Almirante Reis, 27, 2.°
Telefone N.° 2989-N.
Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 11.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 14.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos. Recto-sigmoscopia, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 10.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 16.

AS NOSSAS COISAS

Mont-Dore e Felgueira

E A INSUFICIENCIA DAS TERMAS PORTUGUESAS

De como se prova que Portugal anda sempre atrazado...

Havia muito quem criticasse e chamasse *snobs* áqueles que—quando o cambio o permitia—preferiam as termas estrangeiras ás portuguesas.

E eu julguei que apenas o prazer de viajar, de mudar de ambiente, aproveitando a sua vida animada e elegante—o que era já alguma coisa—dava a preferencia ás termas lá de fóra; mas que, sendo egualmente boas as nossas aguas, poderiamos, no que dizia respeito ao tratamento, obter aqui os mesmos resultados.

Eu desconhecia as nossas terras.

O ano passado, porém, indo tratar-me á Felgueira e comparando-a com Mont-Dore, cujas aguas são destinadas ao mesmo efeito, tive a mais dolorosa impressão.

Não é de modo nenhum o prazer de dizer mal daquilo que é nosso, mas, justamente, o grande amor que tenho pela minha terra é que me enche de tristeza sempre que me chama a atenção qualquer inferioridade.

Dificil nos é compreender como sendo nós um velho povo civilisado, tanto esteja ainda por fazer. Dir-se-hia um país selvagem, onde a civilisação começa entrando a pouco e pouco.

E' que no nosso país, ha a particularidade de sempre que qualquer coisa se faz, em vez de procurar fazer do melhor, numa ambição natural do bom, do mais perfeito, ha, pelo contrario, parece que um sentimento de inferioridade que leva a achar suficiente para nós aquilo que para os outros é mau. Essa falta de consideração por nós mesmos é duma humildade chocante.

E, com isso, tudo temos a perder.

O privilegiado clima da nossa Felgueira, o seu ar sadio e agradavel, teria toda a vantagem sobre Mont-Dore, com o seu clima nebuloso e humido.

Mas que estrangeiro ousaria vir aproveitar a excelencia do nosso clima e das nossas aguas?!...

Abstraindo já as distrações que lá fóra nos proporcionam numa vida de animação e elegancia.

A Felgueira é um deserto.

Mas se, explorando-a, houvesse junto ao natural interesse lucrativo o interesse tambem natural de não se fazer mal áquilo que se pode fazer bem, de servir o país civilisando-o, tornando-o sempre mais belo, com amor por aquilo que é nosso — e não apenas confiando nas dificuldades de cambios que forçam os pobres doentes a ficar por cá, sugeitando-se a tudo e pagando por bom aquilo que é mau — da Felgueira poderia fazer-se umas termas agradaveis.

E' apenas falta de interesse... desleixo!—tudo mais que fizessem daria os respectivos lucros.

A Felgueira, possue um enorme edificio que, modificado, principalmente no rez-do-chão, com um *restaurant* bem servido, um competente e indispensavel *hall* e uma outra sala, alem do bilhar que já lá existe — tudo devidamente mobilado dando um pouco de comodidade e de elegancia áquela grande pobreza, fariam então um *hotel* daquilo que, por emquanto, parece apenas uma grande pensão.

E o balneario entregue á direcção dum medico do sitio, simpatico e inteligente, não é, no entanto, o bastante para lhe substituir a insuficiencia e a regelada pobreza.

De resto, abstenho-me de criticar o tratamento na Felgueira; vou apenas descrever o de Mont Dore:

O «Etablissement Thermal», com rez-do-chão e primeiro andar, vasto, muito limpo, muito cuidado, com um aspecto agradavel e elegante, quanto possivel, bem servido de pessoal, utilisa as suas aguas por todos os processos que a sciencia descobriu: tratamentos á garganta de todos os modos; banhos inteiros; meios banhos; banhos aos pés; diferentes *sources*; piscinas, etc., etc.

São três as salas de aspiração de 1.ª classe, aumentando de uma á outra a intensidade de vapor quente, sendo na terceira tão intenso que poucos a suportam.

Nessas salas só se entra com uma vestimenta especial, toda em flanela, preservando-nos da humidade que produz o vapor da agua.

"Source du Pantheon,,

do estabelecimento termal do Mont-Dore

Pela vila, muitos estabelecimentos apenas destinados á venda desses fardamentos e onde se encontra feito e pronto a vestir tudo que o tratamento exige.

Cheguei a Mont'Dore, ha anos já, em uma tarde de agosto, sob uma chuva e uma ventania pavorosas. Jantei e, fatigada, recolhi ao meu quarto.

No dia seguinte levantei-me tarde e nada vi do aspecto da vila na sua vida matutina. Apesar de que, antes da minha partida, falando sobre Mont-Dore com alguem que lá tinha estado—a sr.ª D. Josefina de Castelbranco Ribeiro da Cunha, cuja memoria eu muito respeito—e pedindo-lhe eu informações, com a sua conhecida gentileza me explicara que os doentes atravessavam as ruas de manhã já vestidos para o tratamento, parecendo uma estranha e desordenada procissão. Mas eu, preguiçosamente, só desci para o almoço e nada observei. Ocupei o resto do dia visitando o *Établissement Thermal*, consultando o medico em sua casa e comprando o meu fardamento.

No outro dia, ás cinco e meia da manhã levantei-me. Era necessario fardar-me e entrar ás seis no «Établissement», que apenas um largo separava do hotel.

De pé no quarto, os braços pendentes, desoladamente, eu olhava o meu fardamento, sem coragem de o vestir e sem mesmo saber por onde começar:

Compõe-se de umas grandes calças em flanela branca, que se prolongam pelos pés, fazendo ao mesmo tempo de meias e sobre as quais calçava uns sapatos de lona branca com solas de *caoutchouc* preto e enfeites da mesma côr. A cobrir o busto — porque a «toilette» exclue capinha — um casaquinho largo, quasi sem forma, em flanela mais delgada. Sobre as estranhas calças, um saiote acima do tornozelo deixando-as vêr um pouco; e por cima do primeiro casaquinho um outro, egual no feitio e apenas em flanela mais forte, como a do resto do fardamento. Por cima de tudo isto uma grande e ampla capa de flanela egualmente branca, mas mais espessa ainda, com um grande capuz elegantemente forrado de *tafetás* branco. A cobrir os cabelos e preserva-los da humidade, uma touquinha de setim impermeavel rosa palido, apanhada aos lados em duas rosetas.

Equipada assim, em frente do espelho, só, sem ninguem que me acompanhasse ou me desse coragem, sem ter nunca assistido áquela mascarada, eu perguntava a mim mesma como ter animo para sair naquela figura. Mas, era necessario. Abri receiosa a porta do quarto e saí. Felizmente, no corredor, apenas encontrei uma creada e ainda assim eu, respondendo ao seu cumprimento, aludi sorrindo, á minha «toilette», com que não conseguia conformar-me, Mas, ela, para quem isso era tão natural, mal me podia compreender.

Atravessei o *hall* onde creados varriam e espanavam — e ao seu «*bonjour madame*», eu, sem os olhar, respondi com o *bonjour* mais timido da minha vida. A' porta, parei. Ia-me faltando a coragem: estive tentada a voltar para o quarto. O receio de que os creados me podessem advinhar — tola que eu era! — fez-me seguir. Mas na rua, um ataque de riso nervoso, convulso, que coisa alguma faria cessar, nem mesmo a certeza de que me julgariam doida; nada, ria sempre, ria perdidamente!

A minha figura, a dos outros que ao mesmo tempo atravesavam o largo naquela espantosa «toilette» que eu via pela primeira vez, parecia-me de um grande ridiculo. Dir-se-hia um bando de doidos fugidos do manicomio.

A' porta do «Etablissement», para me dar *aplomb*, li o regulamento.

Depois, mais serena, dirigi-me á *source Madeleine* a tomar, da agua sulforosa e quente, a quantidade indicada pelo medico.

A seguir, acompanhada do meu medico, subi ao primeiro andar onde ficam as salas de aspiração de primeira classe e que liga ao rés-do-chão por uma larga escadaria de marmore. Então, numa sala de entrada, uma empregada, apressada, desembaraçou-me da grande capa, despio-me o primeiro casaquinho, deixando-me o mais delgado e colocando-me pelos ombros uma toalha. Assim, entrei com o medico na 1.ª sala de aspiração onde nos demorámos 15 minutos; a seguir, passamos á 2.ª sala e aí, onde o vapor da agua é já tão denso que a três pés de distancia nada se distingue, conduzio-me junto a um relogio de parede, dizendo-me que 20 minutos depois podia retirar-me. E saíu. Perto de mim, felizmente, havia uma janela; porque eu, vendo-me só, ouvindo falar mas não vendo ninguem, naquela atmosfera espessa que me sufocava, não podendo sair porque não sabia a direcção da porta, tive uma terrivel mpressão nervosa.

E só uma grande força de vontade me impediu de gritar.

De um salto cheguei-me á janela e aí, encostando bem a cara aos vidros, de modo a poder vêr para fora, fui-me então habituando áquela atmosfera e dentro em pouco, já bem, passeava pela sala.

Passado o tempo indicado, saí, e logo uma empregada, prontamente, tirando-me o casaquinho que, bem molhado, enxugava-me o peito e costas, friccionando bem com toalhas quentissimas, aquecidas ali mesmo em fornos proprios, a tubos de agua quente. Vestia-me, em seguida, o casaco que eu tinha deixado e, cobrindo-me com a grande capa, capuz levantado, deixava-me apenas os olhos de fora. A uma porta, reclamava: *Une chaise!* E uma *chaise-á-porteurs*, onde eu entrava fechando a portinhola, levava-me inteiramente resguardada até ao hotel. Os homens, num passo certissimo como os nossos homens das redes na Madeira, corriam pela larga escadaria sem que um passo falhasse e, num instante, atravessando o largo, deixavam-me junto ao ascensor do hotel. Aí, uma campainha prevenia para cima do numero do quarto do hospede que chegava, e quando em cima saía do ascensor, via já aberta a porta do meu quarto, onde uma criada com um *fourneau*—uma especie de frigideira coberta, com ralos por onde se avistam brazas—aquecia-me a cama e a camisa de noite, que eu vestia para me deitar de novo. Na cama, quentissima, tomava então o meu *petit-dejeuner* e, deixando-me dormir ou não, esperava uma hora—segundo o regulamento—para me levantar, fazer a minha *toilette* habitual e descer ao almoço ás 11 horas.

De tarde, ás 4,30 h., voltava ao «Etablissement», então normalmente vestida, bebia de novo agua na *source Madeleine* e fazia a inhalação nasal. Uma sala estreita, rodeada de cadeiras e em frente das quais, colocados na parede, uns pequenos estrados de madeira, divididos, onde nos apoiamos para segurar uns tubos que saem da parede, nos quais colocamos um pipo—que nos pertence—introduzindo-o ligeiramente nas narinas. Ora numa, ora noutra, deixando entrar o gaz com mais ou menos força e regulando-o por uma torneira existente em cada tubo. Esse gaz, fortissimo, a pouco e pouco vamos suportando melhor.

Havia ainda, no meu tratamento, uns banhos quentes aos pés, de manhã e á tarde, muito recomendados pelos medicos, mas que eu não podia fazer por causa de uma nevrose a que a agua quente prejudicava.

O «Etablissement» tinha 1.ª, 2.ª e 3.ª classes. Eram separadas das nossas as salas de tratamento destinadas aos homens.

Quem não conheça Mont-Dore e se tenha tratado em Entre-Rios e Felgueira,—não falando já em S. Gemil e S. Pedro do Sul—verá quanta diferença faz o tratamento e quanto falta ás nossas termas para que as aguas sejam devidamente aproveitadas.

Podesse eu ir tratar-me lá fora!... E que me chamassem *snob*.

Léo.

S. CARLOS Telef. C. 5063

HOJE com exito recrudescente

A RAJADA

Admiravel creação de LUCILIA SIMÕES

O teatro mais confortavel e de melhor acustica e os mais baratos espectaculos de Lisboa

Preços sem locação, a qualquer hora do dia: Frisas e camar. de 1.ª, 32$50; de 2.ª 25$00; 3.ª, 17$50; Tor., 12$00; Faut., 7$500; Var. 2$000

Os bilhetes marcados devem ser reclamados até ás 7 horas da tarde

Em ensaios: A VINHA DO SENHOR, original de Flers e Croiset, tradução de Paulo Osorio

TEATRO NACIONAL
ALMEIDA GARRETT

Está aberta no escritorio do teatro a assinatura para

8 RECITAS
com
4 primeiras representações
e 4 reposições

até ao dia 25 do corrente

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

As andorinhas

Partiram comnosco, com as nossas saudades, como a despedida eterna dum amor exilado, e foram mar em fóra, voando sobre o rastro do navio, já quando as azas das gaivotas, trémulas do adeus da terra, se perdiam indecisas no espaço, para nunca mais voltarem...

Iam a sorrir, corações encarcerados em duas azas pequeninas e fugitivas, que se curvavam á flôr do mar, desabrochando-o em roseirais de espuma, levando comsigo a primavera morta da nossa terra, buscando a primavera eterna dos paises onde as flores entanguescem, tontas de sol e de perfume.

Azas negras de paixão, azas de andorinha, azas crucificadas por todas as saudades que o Oceano leva e nunca traz, azas do amor de perdição, a caminho do degredo, azas que são a nossa propria alma, e as lagrimas ardentes da mulher que, lá longe ficou a chorar, a rezar, a esperar.

Ele voltará, meu Deus?

Lenços negros de paixão, a acenar; queixumes doloridos, versos de melancolia e de infinito, que dão a volta ao mundo, que dão a volta á terra, que dão a volta ao ceu, que dão a volta á vida, levando comsigo o ultimo perfume do amor, constantes como estrelas—azas que só fazem ninho no coração ferido dos emigrantes, vidas suspensas doutras vidas que no além ficaram.

Artur Portela

MIRANDA & FILHOS
JOALHEIROS
50—CHIADO—LISBOA

Canhoneira «Beira»

Largou ontem de S. Vicente de Cabo Verde para Angola, a canhoneira «Beira».

Lotaria de hoje

Numeros mais premiados

5402 . . .	60.000$	4892 . . .	10.00$
6086 . . .	20.000$	5468 . . .	1.000$
8774 . . .	6.000$	5706 . . .	1.000$
8991 . . .	5.000$	6572 . . .	1.000$
984 . . .	1.000$	7387 . . .	1.000$
1689 . . .	1.000$	9014 . . .	1.000$
2041 . . .	1.000$	11453 . . .	1.000$
2177 . . .	1.000$	11680 . . .	1.000$
3318 . . .	1.000$	11745 . . .	1.000$
4507 . . .	1.000$		

Como inicio do 2.° ano saiu o n.° 13
da revista de TEATRO
publicando a peça de Ramada Curto A FERA
e a musica e a letra da canção «Aurora» que
«La Goya» cantou em Lisboa

CAMBIOS

Dia 20

	Comprador	Vendedor
s/Londres, cheque	2 9/34	2 1/8
» 90 dias	—	—
s/Paris	1$484	1$506
s/Berlim	—	—
s/Holanda	9$707	9$850
s/Madrid	3$842	3$391
s/Bruxelas	1$286	1$305
s/Roma	1$118	1$034
s/Suiça	4$435	4$500
s/Suecia	—	—
s/Noruega	—	—
s/Dinamarca	—	—
s/Nova-York	24$759	25$126
s/Brasil	2$335	2$390
Rio s/Londres	5	—
Libra esterlina	—	—
Agio do ouro	—	—

QUESTÃO GRAVE

144.000 contos

POR ANO PERDE PORTUGAL EM PESCA

por falta de fiscalisação maritima

Uma autentica questão nacional — a da pesca. E' olhar para qualquer das rudimentares estatisticas que o Estado possue para logo se verificar que todo que, directa ou indirectamente, dependem da pesca, somam mais de um milhão, representando, assim, elevada percentagem na população do paiz.

Temos seguido o problema nos seus varios aspectos e colhido opiniões derivadas da analise do presente momento — o mais grave em toda a longa e parece que intermina questão da pesca.

Quem mais insistentemente se tem ocupado do assunto neste jornal, em conceitos fragmentariamente colhidos, é o comandante Nunes Ribeiro. Benevolo colaborador nosso, em casos de importancia tão transcendental, hoje ele aprecia-o no seu conjunto, — o que, até agora, não se fizera.

Disse o nosso entrevistado:

—Ha 400 cercos e traineiras espanholas em media, a pescar nas nossas costas e mais de uma vez por quinzena. Mas, suponhamos que pescam apenas uma vez por mês.

Traçando numeros, rapidamente, num pedaço de papel:

—Os cercos pescam 90.000$00, 50.000$00 ou 30.000$00, no minimo, por lance ou por viagem. Assente, por base, o minimo de 30.000$00, temos que as 400 traineiras, a 30.000$00 cada, representam um total de 12.000.000$00 por mês, ou sejam 144.000.000$00 de pescado que anualmente, nas peiores circunstancias, vem arrancar á costa portuguesa.

—E que se faz, para evitar tão grande prejuizo?

—Dispõe o orçamento da marinha, este ano, de 3:200.000$00 para construir as canhoneiras que «irão» tratar de o evitar.

—Então...

—A comissão que estudou o material naval necessario para fiscalisação de pesca, propoz: para a pesca longinqua (bacalhau) dois cruzadores tipo «Republica», com enfermarias, correio e outros detalhes especiais; para as aguas territoriais 12 canhoneiras, tipo barco de pesca de 300 toneladas, com 14 milhas de velocidade e tendo por combustivel o petroleo. Em tempo de guerra, esses barcos foram utilisados para lançamento e rocogagem de minas, patrulhas, comboios, etc.; finalmente, 8 gazolinas de alto-mar, com 15 milhas de velocidade, que seriam distribuidos pela capitanias.

—E não chega?

—E' o material minimo, indispensavel para se poder exercer a fiscalisação. Esta, representando a verificação do cumprimeto das leis, desde que não seja executada, representa, praticamente, a sua anulação, por muito sabias que sejam.

—E' preciso portanto...

—... Que o problema seja resolvido praticamente! A não ser que o Paiz queira ser defraudado em mais de 144.000.000$00 por ano, afora os prejuizos inerentes que lhe advem da falta de utilisação dessa riqueza e do consentimento na deterioração da baze natural que a constitue. Tudo isto, é claro, exceptuando a quebra de prestigio nacional.

—Nesse caso...

—Ou o paiz se arma para o cumprimento das suas leis ou não quere gastar dinheiro em material e, então, sujeita-se ás consequencias de quem o seu não vê o diabo lh'o leva, podendo acontecer que, como no mar não ha policia, o paiz venha a ter conhecimento de qualquer desordem passada lá ao largo e de que adquira conhecimento pela via do Ministerio dos Negocios Estrangeiros.

—No entanto, a estabelecer-se a fiscalisação...

—Como as multas actuais são de 50$00 para quem pesca e minimo de 30.000$00, e porque preciso era actualisar a legislação geral a este respeito, foram apresentados ao Parlamento e lá estão ainda as seguintes propostas de lei: de 20 de Maio de 1921, «Diario do Governo», 2.ª Série; de 24 de Maio de 1921; de 5 de Setembro de 1921, «Diario do Governo» n.º 207 de 8 de Setembro de 1921; de 5 de Abril de 1922, «Diario do Governo» n.º 81 de 8 de Abril de 1922.

— ?

—Estas propostas, elaboradas na respectiva repartição, á testa da qual está uma das melhores competencias na materia, e oficial distinto o Ex.mo capitão de fragata Marcelino Carlos, sobre a direcção superior do almirante Neuparth, cujo nome está de ha muito firmado, por forma a dispensar-me maiores referencias, estas propostas, dizia eu, compreendem materia legislativa sobre a actualisação das multas, dos meios de pesca autorisados, e ainda sobre a proibição absoluta da dinamite.

E o comandante Nunes Ribeiro, concluindo a sua interessante palestra:

—Quem quer andar com segurança nas ruas, dormir sem lhe arrombarem as portas, etc., etc., paga á policia. Quem quer garantir a propriedade individual e colectiva, evitar as demandas e até as agressões á propria nacionalidade, paga á tropa; portanto, para defender a nossa riquissima propriedade no mar, nela manter a ordem e evitar os desmandos que nos causam prejuizos, é indispensavel comprar navios!

Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro

Realizou se hoje, pelas 14 horas, na sua séde, Avenida da Liberdade, 14, a assembleia geral extraordinaria desta Companhia, para eleição dos corpos gerentes e alterações nos estatutos.

Presidiu o sr. dr. Caeiro da Mata.

Para a direcção foram eleitos como efectivos os srs.: Antonio Vieira Pinto, Manuel Maria de Oliveira Belo, Pedro Joice Diniz, dr. Antonio Faria Carneiro Pacheco, dr. José Caeiro da Mata, dr. Candido Sotto Mayor Junior e Arnaldo Cardoso Ressano Garcia.

Para a assembleia geral: Presidente, Candido Sotto Mayor; vice-presidente, dr. Bernardo Ferreira Gomes de Pinho; 1.° secretario, Joaquim Antunes Leitão Junior.

Um que não aprecia as delicias dos calabouços

Em Badajoz, foi ha dias preso Teodoro Venancio, que é acusado de não ter os seus documentos legalisados, provando a sua identidade.

Foi entregue ás autoridades portuguesas em Elvas, e dali seguiu para Lisboa, acompanhado por duas praças da G. N. R. Chegaram esta manhã á estação do Rocio, onde o Teodoro teve a habilidade de se evadir.

Os pobres soldados não tiveram tempo para o recapturar, motivo porque se dirigiram ao governo civil, onde apenas entregaram o oficio.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

Pelos teatros

«Troupe Portugalia»

Acabamos de ter noticia da «Troupe Portugalia», dirigida pelo empresario Augusto Gomes e constituida por elementos portugueses. Os nossos compatriotas estiveram trabalhando na Ilha de S. Fernando (Espanha), até ao dia 18, encontrando-se actualmente em Puerto de Santa Maria até ámanhã. De 23 a 30, farão Cadiz; de 1 a 4 de novembro, Algeciras; de 6 a 10, vão a Gibraltar e, no dia 11, darão um unico espectaculo em La Linea. No dia 12, a «troupe» embarca para Tetuan, estreando no dia 14; de 21 a 26, farão Ceuta; de 28 a 2 de dezembro, Alcacer-Kibir; de 4 a 9, Larache; de 10 a 13, Tanger, embarcando no dia 14 para La Ronda, estreando a 15 e fazendo, de 18 a 23, Malaga, onde voltam a embarcar para Melilla, onde estrearão a 25, demorando até 3 de janeiro de 1924. De 5 a 9, farão Argel (Africa francesa); 11 a 14, Oran; 16 a 21, Tunis, embarcando a 22 para Alicante, onde permanecerão até 28; 29 a 31, farão Murcia; 1 a 8 de fevereiro, Granada; 9 a 10, Balga; 12 a 15, Ciudad Real e depois, novamente, até 2 de março, no Teatro Rey Afonso, em Madrid;

O fim dos magros

E' dos conhecidos comediografos franceses Armout e Gerlidou a peça «Alain, sa mere et sa maitresse», que, trraduzida por José Sarmento com o sugestivo titulo «As virtudes de Germana», subirá á scena no Politeama, na proxima quarta-feira, para inauguração da epoca de inverno da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro.

Diz-se que em Paris, onde esta comedia conta inumeras representações, diminuiu consideravelmente o numero de pessoas magras, o que vem confirmar a velha teoria de que o riso engorda,

Atraz do reposteiro

Ficam a funcionar desde este inverno teatros novos em Santarem, em Tomar, em Barcelos e na Covilhã, havendo sofrido importantes reparações os de Torres Vedras, Portalegre, Amadora e Coimbra (teatro Avenida).

—No Avenida, começa na proxima segunda-feira, a marcação de lugares para o primeiro espectaculo da Companhia Satanela-Amarante com a opereta «A Perola Negra», na qual se estreia nesta Companhia, ligado por contracto, o actor-comico Nascimento Fernandes.

—Entrou em ensaios, no Apolo, a revista «Giga-Joga» da autoria do poeta Antonio Carneiro (João Fernandes) e André Brun.

—Consta que a Direcção Geral de Belas Artes, por indicação do ministro da Instrução, vai impedir o uso indevido das insignias da Ordem de Santiago a varios individuos, especialmente artistas dramaticos, que, não só as trazem permanentemente, como em festas de gala já têm feito exibição do respectivo colar.

—Está doente, tendo sofrido uma melindrosa operação, a actriz Dora Vieira, actualmente sem contrato.

—Partiu hoje no «Sud-Express» para o Porto o emprezario teatral sr. José Loureiro, que naquela cidade tem funcionado nos teatros Sá da Bandeira e Aguia de Ouro, as companhias Aura Abranches e Berta de Bivar-Alves da Cunha.

—Parte hoje no comboio da noite para Evora, a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, que ali vai dar uma serie de espectaculos, o primeiro dos quais tem logar ámanhã, no teatro Garcia de Rezende.

—A companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha põe em scena, na proxima segunda-feira, no Aguia de Ouro, do Porto, a peça francesa «O homem da casaca», fazendo Alves da Cunha um papel comico, protogonista da peça.

—O nosso camarada Simões Coelho é, presentemente o representante da Empresa José Loureiro em S. Paulo (Brazil) acionando autonomamente da direcção da séde da mesma no Brasil, a qual ficou instalada no teatro Lirico do Rio de Janeiro, com outra ramificação em Santos, igualmente autonoma.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos = A's 21.15—«A Rajada».
Nacional = Não ha espectaculo.
S. Luis = A's 21—«Viuva alegre».
Politeama = A's 20. — Animatografo.
Avenida = Não ha espectaculo.
Apolo = A's 21,30—«Pé de meia».
Maria Vitoria = A's 20,30 e 22,30 = «Tic-Tac».
Eden = A's 21,15 = «O Chico das Pêgas».
Eldorado = Ás 21 = Variedades.
Circo da Feira = Ás 21 = Variedades.
Coliseu dos Recreios = Não ha espectaculo.
Gil Vicente = Ás 21,15 = «O domador de feras».
Chiado-Terrasse = A's 21 — «Coisas nossas».

ANIMATOGRAFOS

Salão Foz = Calçada da Gloria.
Olimpia = Rua dos Condes = «Matinée» e «soirée»
Cinema Condes = Avenida da Liberdade.
Salão Central = Praça do Restauradores.
Salão Ideal = Rua do Loreto.
Cine-Paris = Rua Ferreira Borges.
Salão da Promotora = Largo do Calvario.
Eden-Cinema = Rua do Alvito.
Salão Rocio = Rua do Arco do Bandeira.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

OS 60 MILHÕES DE MOEDAS

Dois documentos

que o "Diario de Lisboa,"

vai entregar ás autoridades competentes

Publicamos hoje dois documentos — o texto de um telegrama assinado por Camelo e dirigido a *Cuprifer-Paris,* que é o endereço telegrafico da *Compagnie Française des Metaux;* o segundo é o rascunho de uma carta, dirigida á mesma entidade e que completa, segundo nos parece, o sentido do telegrama.

Como estes documentos vieram parar ás nossas mãos, não vem para o caso explicar neste momento. Basta que digamos que nos foram oferecidos sem que nós os procurassemos. Não os reproduzimos zincograficamente, porque isso é impossivel, visto tratar-se de pedacinhos de papel, trabalhosamente ligados.

Ficam guardados em lugar seguro e á disposição das autoridades.

Qual a significação destes documentos? Pela sua simples leitura, facilmente se avalia que existia uma ligação muito intima entre o signatario do telegrama e a Casa da Moeda.

Quem os escreveu? Eis um problema que só peritos caligrafos poderão resolver ou a confissão de qualquer pessoa chamada a depor.

CUPRIFER - PARIS. — Lettres reçues stop priére envoyer immediatement sous enveloppe mon nom les mêmes lettres ècrites bien legiblemente addressées, administration intéressée en réponse sou enquête. — CAMELO.

CUPRIFER - PARIS. — Cartas recebidas. Queira enviar, imediatamente, subscritadas com o meu nome, as mesmas cartas escritas, bem legivelmente endereçadas administração interessada resposta seu inquerito. — CAMELLO.

(Faiha) **vous acuse de la reception** *(faiha)* **...... et je vous con** *(faiha)* **télègramme .... par le quel vous aurez compris que je tiens á avoir en mains les lettres en question addréssées á la Monnaie de façon à pouvoir présentée l'une ou l'autre au bon moment** *(duas palavras riscadas).* **Comme je sais de b** *(faiha)* **source que le Ministre veut donnée une solution rapide à l'affaire et comme d'autre part je suis sûr quel n'entrera pas facilment dans le sens de votre offre — du reste extrêmement compréensible pour tout homme d'affaires — je pense que si vous pouvez faire une offre ferme, valable jusqu'en 15 courant et fixant tout bonnement la quantité de cuivre à remettre livrer sans parler ni du cours du change ni cours du cuivre nous aurons de fortes chances de primer sur nos concurrents. Donc si vous êtes d'accord lá-dessus envoyez moi de suite des lettres dans ce** *(faiha)* **prix échelon. Ces prix écheionnés, et écrites bien** *(faiha)* **ement et addressées à la Monnaie.**

Vous comprendrez facilement que *(faiha)* **désire avoir en mains le plus d'atouts possibles et que ces lettres ne seront présentées que dans le cas ou je h** *(faiha)* **pas áffaire compre** *(faiha)* **en haut lieu votre M** *(faiha)* **telle que** *(faiha)* **déjà en mains.**

(Faiha) **Acuso a recepção** *(faiha)* **... ... e confirmo** *(falha)* **telegrama .... pelo qual tereis compreendido que tenho em meu poder as cartas em questão, didgidas á Moeda para poder apresentar uma ou outra no momento propicio** *(duas palavras riscadas, que não se poderam reconstituir).* **Como** *(mais palavras riscadas, que significam: sei de boa fonte que o ministro)* **quer dar uma solução rapida ao negocio e como, por outro lado, estou seguro de que ele não entrará facilmente no sentido da vossa oferta — de resto, extremamente compreensivel para qualquer homem de negocio — penso que, se você poder fazer uma oferta firme, admissivel até 15 do corrente e fixando, o melhor possivel, a quantidade de cobre a entregar, sem falar nem na cotação do cambio, nem no preço do cobre, teremos fortes probabilidades de triunfar sôbre os nossos concorrentes. Portanto, se você está de acôrdo com isto, envie-me imediatamente cartas neste** *(faiha).* **Os preços marcados e escritos bem legivelmente e dirigidos á Moeda.**

Compreende facilmente que desejo ter na minha mão todos os trunfos possiveis e que estas cartas não serão apresentadas a não ser no caso de eu *(faiha)* **negocio** *(falha)* **em alto logar vosso** *(faiha)* **tal que** *(faiha)* **já em mãos.**

Nota — As palavras que têm um traço por baixo, estavam riscadas no original

Um depoimento do sr. Camelo

Ha dias, procurou-nos o sr. Camelo, proprietario da fabrica de polvora de que Anibal Lucio de Azevedo é director tecnico. Esse senhor, fez uma série de declarações, assinadas e rubricadas. Hoje as reproduzimos, para que não se diga que nós recusamos a alguem o direito de se defender. Recomendamos, no entanto, aos leitores, que, estabelecendo o devido paralelo com os dois documentos, tirem as respectivas ilações:

—Quando me dirigia para a Alemanha, a fim de comprar varias maquinas, demorei-me oito dias em Paris. Ao fim desses oito dias, encontrei-me com Lucio de Azevedo, conforme fôra combinado em Lisboa, partindo para a Alemanha com demora de poucas horas em Paris. De regresso, demorei-me com Lucio de Azevedo um ou dois dias em Paris, tendo ele partido, julgo que primeiro que eu, para Lisboa.

Numa segunda viagem, pouco depois realisada, estive em Paris talvez quinze dias, a tratar de varios negocios meus. A pedido de Anibal Lucio de Azevedo, indaguei quais eram as fabricas de laminagem que forneciam discos para o governo francês e procurei tambem preços de fornecimentos. Assim fiz. Regressado a Lisboa, mantive correspondencia, como comerciante, com essas fabricas a fim de estar a par dos preços do mercado de discos. Já nessa altura fazia isso como negociante.

—Então tinha um intuito?

—Sim, senhor. Pretendia entrar no fornecimento. Desisti, porque o sr. Anibal Lucio de Azevedo me disse que os preços eram altos e que era conveniente para o Estado, fazer os discos na Casa da Moeda.

—No caso de Anibal Lucio de Azevedo não lhe ter dito isso, tencionava concorrer?

—Sim, senhor. Representaria a esse tempo a Compagnie des Metaux. *Chegou, mesmo, a realisar-se um inquerito de preços, em que creio terem figurado varias casas e, entre elas, em carta directa, a* Compagnie des Metaux. *Mas, depois de Anibal Lucio de Azevedo me ter feito a declaração que já lhe reproduzi, não fiz mais propostas. Do caso dos discos nunca mais tive conhecimento.*

O sobrinho de Lucio de Azevedo

Sabemos que ainda se encontra em Paris, o sobrinho de Anibal Lucio de Azevedo que, no negocio, tinha intervenção de vulto. Chama-se Bettencourt Ferreira, e consideramos indispensavel o seu depoimento, que em muito pode esclarecer este sensacional caso.

A sindicancia

Vai incidir, sôbre este caso, uma sindicancia. A partir deste momento, não tencionamos fazer mais comentarios, limitando-nos á publicação de quaisquer novos elementos de averiguação. Isto, a não ser que Anibal Lucio de Azevedo consiga levar as suas *protecções,* ao ponto de tentarem pôr *pedra* no caso. Nessa hipotese, a ele voltaremos, não o largando sem que se faça justiça inteira.

* * *

Recebemos a carta seguinte:

Sr. director: **Para esclarecimento da verdade peço a V. para publicar no seu muito conceituado jornal que, o sr. dr. Afonso Costa nem por escrito nem verbalmente, nem directa nem indirectamente, me encarregou de patrocinar qualquer pretensão relativa ao fornecimento de bronze-aluminio para a Casa da Moeda. — Subscrevo-me com toda a consideração e estima, de V. etc.,** ***Antonio Tudela.***

Taxa maritima

Foi comunicado ao Ministerio da Marinha que a Companhia Universal do Canal Maritimo do Suez decidiu que, a partir de 1 de Janeiro proximo, o direito de transito seja diminuido de 0,25 centimos, ficando assim reduzidos, para os navios de carga a 7 francos e 50 e para os navios de lastro a 5 francos por tonelada.

Noticias de Marinha

Assumiu o cargo de comandante do torpedeiro «Liz», o 1.º tenente sr. Cunha Gomes.

Malas postais

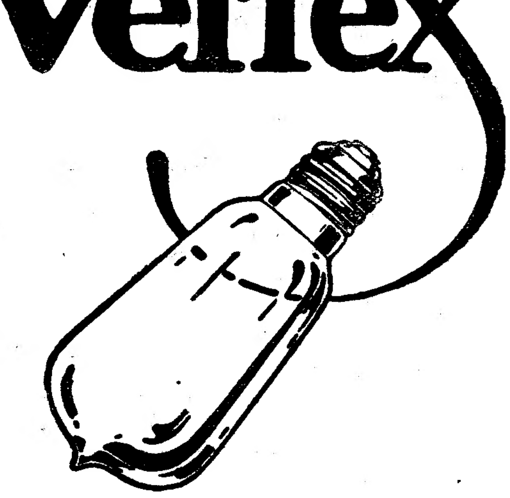
Pelo «Aidan» são ámanhã expedidas malas postais para a Madeira, Praia, Manaus e Africa Oriental, via Madeira, sendo ás 9 horas a ultima tiragem da caixa geral.

Permuta de logares

Fi autorisada a permuta de lugares entre os professores de educação fisica dos liceus, de Faro, sr. Jaime Tomás da Fonseca e de Leiria, sr. Antonio Pedro da Silva Martins.

Representantes: LOBATO & SILVA L.da—Rua da Prata, 8—LISBOA

Verfex



1 WAT

1/2 WATT

Á VENDA EM TODOS OS ESTABELECIMENTOS DE ELECTRICIDADE

RICAS MOBILIAS

Deslumbrante Exposição

Grandes e variados modelos de luxo, pelos preços antigos sem aumento
VENDAS SEM INTERMEDIARIOS

Economia de 20 a 30 °|o

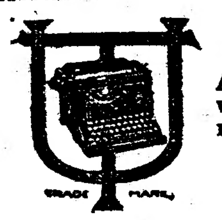
Tudo quanto se faz de melhor, confortavel e chic, em todos os generos de mobilias nos estilos antigos e modernos
MAPLES em pele verdadeira—Bronzes de arte, etc.

A's pessoas de bom gosto e economicas impõe-se uma visita ao salão de vendas e oficinas da bem conhecida e acreditada

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

DO FABRICANTE PROFISSIONAL
MANUEL FILIPE DA SILVA JUNIOR
Rua do Desterro, 17 a 29

«Underwood Portatil»



Minimo de peso
Maximo de serviço

A maquina de escrever portatil mais leve, mais resistente e perfeita

Indispensavel em viagem e em casa

AGENTES:

THE MODERN OFFICE, LIMITED

107, RUA DO ALECRIM, 109
LISBOA **Telef. C. 3066**

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS A'

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.td

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49
PORTO — 245, Rua Mousinho da Silveira, 250

CORREIA LEITE, SANTOS & C.A

BANQUEIROS

53, Rua Augusta, 59 — 101, Rua da Conceição, 107

COMPRA E VENDA DE CAMBIAIS
TODAS AS OPERAÇOES BANCARIAS

BAIRRO DA GRAÇA

Cooperativa União Central de Abastecimentos

Inauguração do armazem n.° 3—Rua Voz do Operario, 18 a 22

A Direcção convida os socios desta Cooperativa a honrarem o acto da inauguração deste armazem de venda, ámanhã, domingo, pelas 14 horas, onde poderão fornecer-se todos os socios, mediante a apresentação do bilhete de identidade.

A distribuição de generos ao domicilio só é feita numa area aproximada de 500 metros do armazem.

A Direcção

PARQUE AUTOMOVEL MILITAR

SÉDE EM LISBOA
AVENIDA DA INDIA
BELEM

OFICINAS DESTACADAS NO ENTRONCAMENTO

Este estabelecimento executa todos os trabalhos da especialidade automobilista e outros analogos, não só para o Estado mas tambem para o Publico

Reparação de Automoveis e Motocicletes

Construção, Reparação e Pintura de «carrosseries»

Manufactura e reparação de peças para automoveis

VULCANISAÇÃO

NIQUELAGEM

Fornecimento de sobrecelentes para automoveis e motocicletes

VINHO DE COLARES

V. S.

VISCONDE DE SALREU

Todos o devem preferir, e o unico que se bebe em Lisboa engarrafado na origem. Premiado com medalha de ouro e diploma de honra na Exposição do Rio de Janeiro

Pedidos a D. J. Silva, L.da
Rua Rodrigues Sampaio, 15
Telefone n.° 1711

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

BOLOTAS VENDEM-SE

no montado

A importante produção deste ano, das herdades das Antas e Simarros, concelho de Montemór-o-Novo, freguesia de Lavre. Trata-se das 6 ás 7 da tarde, rua Damasceno Monteiro, I S, 2.°—Lisboa.

Fabrica de

Ladrilhos
Mosaicos
Azulejos
Cimentos

GOARMON & C.A
TRAVESSA DO CORPO SANTO, 17 a 19
Telefone n.° 1244
LISBOA

CARVÃO
VEGETAL - COKE E BRIQUETES

TELEFONE C. 4119
VENDAS NO DOMICILIO EM SACOS SELADOS
FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.ºs
RUA DA COSTA, 8, LISBOA.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima—Estatutos de 20 de Novembro de 1894

Horario dos combolos

14.° Aditamento ao Cartaz-horario D. 161

Desde 21 do corrente (inclusivé) deixam de efectuar-se os comboios n.os 209 e 204, directos entre Lisboa-Rocio e Caldas da Rainha.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

DAS 5 PARTES DO MUNDO — **ESTRANGEIRO** — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NA ALEMANHA

Morreu

num hospital

"O homem novo Cristo,,

As façanhas

do "Rapustino alemão,,

BERLIM, 20

Faleceu repentinamente, na prisão onde estava encarcerado, Luiz Hauser, denominado o Raputino alemão. Antes da guerra, residiu em Paris, onde se dedicava a negocios ilicitos que lhe permitiam viver faustuosamente, mas ao rebentar o conflito europeu, regressou a Berlim, tornando-se um dos mais exaltados pangermanistas.

Em 1920, assistindo a uma sessão do teósofo Steiner, tornou-se reparado pela sua figura de apostolo. De discipulo de Steiner, passou a trabalhar por conta propria, percorendo a Alemanha, a Dinamarca e a Escandinavia, em viagem de proselitismo, designando-se a si proprio, pelo nome de «novo Cristo». Apesar da guerra que lhe declararam os espiritistas profissionais, a sua fama foi enorme. O primeiro preceito da sua religião era—o amor livre. Muitas raparigas da melh r sociedade seduzidas pela sua força hipnotica, constituiram um verdadeiro harem em que ele era o sultão. A filha do almirante Von Pohl, chefe do Almirantado alemão, fugiu da sua companhia.

O escandalo foi grande, mas tendo a familia da raptada conseguido arrancá-la ao seductor, a donzela, logo que poude, voltou a juntar-se a Luiz Hauser. Este fundou um jornal, intitulado «Imperador do Mundo», prégou a imediata abertura das prisões e dos manicomios, e terminou por ser detido, mas em breve foi restituido á liberdade. Simultaneamente, ia alcançando muito dinheiro por todos os meios possiveis, mesmo pelos mais ilicitos.

Por fim, no mês de Março ultimo, foi preso novamente e condenado a treze meses de prisão correccional. Estava cumprindo a pena quando a morte o surpreendeu bruscamente. — (R.)

Na Saxonia

vai determinar-se uma acção militar

BERLIM, 20

Afirma-se que o ministro da defesa nacional, sr. Gessler, determinou uma acção militar contra a Saxonia.

Se a policia fôr impotente para proceder ao desarmamento das unidades operarias serão empregadas tropas, tendo partido já grandes reforços da «Reichswehr».

Diz-se que o governo do «Reich» chamou a Berlim o general von Lossow comandante da «Reichswehr» na Baviera, o qual aparentemente não podia resistir ás ordens do ditador von Kahr.

Semelhante acto deve necessariamente acarretar um aumento de tensão nas relações entre Munich e Berlim.

Assegura-se que a nova nota enviada pelo governo alemão á comissão das reparações garante que o auxilio financeiro á população do Ruhr cessa na proxima segunda feira.—(Especial).

Uma autoridade "modelo,,

Gouthieres

desertor e falsario

Um comissario de policia

está sendo julgado no tribunal de Meurthe et Moselle

Ora aqui têm os senhores um comissario de policia á altura. Chama-se Gouthieres, é desertor e falsario, está agora a contas com o tribunal de Meurthe et Moselle, e tem a seguinte «folha de serviços»:

Além de outras tranquibernias antigas, pelas quais foi condenado já, o homemsinho, na fase culminante da guerra, como o tivessem encarregado de um posto de confiança na fronteira francesa, fez tais e tantas, que não houve remedio senão mobilisá-lo, á falta de recurso mais severo, esperançados os juizes em que a creatura, uma vez debaixo de fogo, se emendasse, ou conseguisse, ao menos, morrer bem.

Mas que?! Gouthieres, quando chegou ao «front» ia já fatigadissimo, só da caminhada. Depois... a carreira das armas não lhe quadrava; e então, toca de safar-se da rascada com o maximo, possivel, de proveito. Deu em transitar, de posto de socorros em posto de socorros, na mira heroica de atingir um centro de evacuação que lhe aproveitasse. Conseguido ele, o *pobre enfermo* tratou sem detença de arranjar um bom certificado de reforma, tão habilmente falsificado, que ninguem desconfiou de que fossem imitadas as assinaturas dos medicos.

Com semelhante atestado de valentia e de sacrificio pela patria, Gouthieres, uma vez reformado, não podia ficar, já se vê, sem um galardão condigno. Fizeram-no inspector, e pouco depois—como dava otima conta de si—comissario de policia.

Entretanto, ia-se condecorando com as medalhas que haviam sido instituidas para os heroes de verdade. Chegou a pontos o descaramento, que um dia, decidiu condecorar-se, até, com a medalha militar. Os colegas, quando lhe viram no peito mais aquela signa de valor, estiveram por um triz a descrêr da legitimidade com que amigo Gouthieres usava tantos distintivos de honra. O «heroe», porém, tão notavelmente contou a scena belicosa em que, pela sua coragem, pela sua bravura, e pelo seu patriotismo, conquistára a condecoração, que tomaram por boa a explicação, quasi achando mesquinha, ainda, a recompensa. Pois se ele até inventou um general a abraçá-lo depois do combate, com as lagrimas nos olhos, por lhe ter sido dado presencear tamanha proesa de guerra?!

Os leitores têm uma impressão das qualidades argumentadoras do «valente», quando nós lhes dissermos em verdade que os seus colegas acabaram por oferecer-lhe um banquete de homenagem e um formosissimo «bouquet» tricolor...

Pois, não ficam por aqui as proezas do intrujão. Tendo fugido da guerra, especialisou-se na caça aos desertores! Galucho que, no regresso de uma visita de poucos dias ao seu lar, tivesse uma pequenina demora em apresentar-se na frente de batalha, caía nas garras de Gouthieres que nem todos os santos da côrte do ceu tinham forças de valer-lhe.

Não contente com tudo isto, como o negocio lhe corria bem, acabou por exigir ao Estado uma pensão; e foi isso que o perdeu.

A's autoridades a quem o caso competia lá pareceu de mais tanta honra, tanta exigencia e tanto poderío.

Pelo sim pelo não, fizeram-lhe uma sindicancia; esmiuçaram-lhe o passado e o presente; e... pespegaram-lhe com o arcaboiço na cadeia até vêr, agora, o que os juizes decidem.

A avaliar pelos antecedentes do homem, não nos admirariamos se, apoz o julgamento a que o estão submetendo, o soubessemos saído do tribunal com mais alguma condecoração... porque o raio do Gouthieres é capaz disso e de muito mais...

O HOMEM MISTERIOSO

Que em 1920 profetizou a morte de **Machado Santos** e outros acontecimentos publicos e diz o vosso passado, presente e futuro em amores e casamentos, negocios, viagens: mudanças de vida, etc., é o **astrologo J. Rabestana**, que se mudou para a rua Martens Ferrão, S. S., 3.º frente (esquina da rua Viriato) Lisboa.

Consultas das 11 ás 17. Se escrever envie **2$500 réis** para a resposta.

DE INGLATERRA

Viagens

em aeroplano

para fins comerciais

Em 5 dias

de Londres á India

LONDRES, 20

A Conferencia Economica Imperial dedicou a sessão da tarde ao estudo do problema das comunicações, especialmente na parte referente aos serviços de aviação. Sir Samuel Hoare apresentou um interessante relatorio sobre aviação civil, no qual afirmou que sem optimismos de qualquer especie, se póde dizer que os serviços de aviação comercial teem progredido extraordinariamente nestes ultimos tempos, havendo suficientes razões para supôr que, dentro em pouco, eles possam contribuir eficazmente para o engrandecimento economico da Inglaterra.

Disse que, no ultimo ano, as trinta e duas companhias de aviação para travessia do Canal da Mancha tinham percorrido com os seus aeroplanos mais de dois milhões de milhas sem se terem registado muitos acidentes perigosos, o que no mesmo periodo, o numero de passageiros transportados tinha ido aumentando progressivamente, atingindo um tal de treze mil e quinhentos viajantes, o que é deveras importante. Sir Samuel Hoare apresentou por fim um projecto de criação de uma linha aerea para a India, dizendo que ele devia obedecer a três requisitos primaciais.

Inauguração

de carreiras postais aereas

O primeiro é que os construtores de aeroplanos se esforcem por conseguir a fabricação de aparelhos que permitam ir á India em cem horas de vôo.

O segundo é a inauguração de uma carreira semanal para a India, e o terceiro o estabelecimento de uma linha de navegação aerea para Bivukly.

Se este projecto fôr realisado — disse ainda o ministro da Aviação, — os resultados obtidos permitirão que se vá de Londres ao Cairo em dois dias, em vez de se gastarem os cinco a oito dias que a viagem demora actualmente, e que se possa atingir a India em cinco dias, aproximadamente, em logar dos catorze a quinze dias que é preciso empregar para fazer a travessia. Depois de ter discutido o projecto de Sir Samuel Hoare, que o governo britanico aprovou inteiramente, foi submetido ao exame da comissão em que a India e os Dominios são representados. — (R.)

= POLITEAMA =
ULTIMAS EXIBIÇÕES
A Lucta contra o Destino
por William Duncan e Edith Johnson
HOJE — ás 8 e meia horas da noite
os ultimos 8 episodios, 16 partes
8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º e 15.º

A'manhã, domingo — Matinée á 1 hora da tarde — Soirée ás 8 1|2 da noite.
Programas colossais

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

VACINAS e SÓROS
DOS LABORATORIOS MULFORD, DE PHILADELPHIA
Bacterina de Neisser
» » **Estafilococcica**
» » **Antimeningococcica**
» » **Acné**
» » **Estafilo-estreptococcica**
» » **Coli**
» » **Pyorrhéa, etc.**
Todos os sóros são fornecidos com seringas e competentes agulhas esterilisadas

SÓROS PARA VETERINARIA «MULFORD»
CONTRA A PESTE PORCINA

ESTABELECIMENTOS **ALVARO CAMPOS**
Sede: 103, Rua Garrett—Lisboa
Filial: 90, R. Sá da Bandeira—Porto

POLICLINICA DO ROCIO
Largo do Camões, 19 (ao Rocio)-Tel. Norte 3747

Dr. Amor de Melo . . .	Boca e dentes, 10 h.
Dr. A. Pina Junior. . .	Clinica geral e doenças das crianças — 13 h.
Dr. Camossa Saldanha	Rins e vias urinarias — 10 e 1/2 h.
Dr. Cancella d'Abreu .	Medicina geral, doenças nervosas — 15 h.
Dr. Cordeiro Lobato. .	Garganta, nariz e ouvidos — 13 h.
Dr. F. Martins Pereira	Medicina geral, coração e pulmões — 15 e 1/2 h.
Dr. Henrique Roquette	Olhos — 15 h.
Dr. Luiz Ottolini	Cirurgia, doenças das senhoras e partos—14 e 1/2 h.
Dr. Zeferino Falcão. .	Pele e sifilis — 14 e 1/2 h.
Dr. Gentil Branco . . .	Raios X.

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

Ampolas para radiologia
«PHILIPS»
Concessionarios exclusivos:
ESTABELECIMENTOS ALVARO CAMPOS
=LISBOA==PORTO=

"SANTINITINE"
O MELHOR DE TODOS OS LICORES
DEPOSITO GERAL
70, 2.º — RUA AUGUSTA — 70, 2.º
TELEF. C. 1196

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

OS CHEQUES FALSOS

E' CUMPLICE DO BURLÃO

o reformado José Martins?

O caso dos cheques falsos na importacia de 500 contos continua envolto em misterio.

Por culpa de quem? Não queremos atingir directamente ninguem. Mas não podemos deixar de extranhar a maneira como teem sido feitas as ivestigações.

Uma das coisas que não se compreende é que o José Martins ainda não esteja preso.

Ha contra ele factos que fundamentam as graves suspeitas que temos sobre a sua cumplicidade na burla.

Primeiro: varias contradições nas suas declarações publicadas nos jornais. Por exemplo: ao contrario do que afirmou, o primeiro cheque não lhe foi pago em dinheiro, como diz, mas sim 80 contos em dinheiro e 120 num cheque sobre o Banco de Portugal. Etc.

Segundo: O José Martins, que é conhecidissimo na Caixa Geral dos Depositos, apesar de saber perfeitamente que o «guichet» de entrega dos cheques está situado num andar inferior ao do pagamento, quando foi levar o primeiro cheque á «experiencia», achou preferivel levá-lo directamete ao «guichet» do pagamento. O que era preciso era saber se a Caixa pagaria cheques só com uma assinatura, pois o selo em branco já existia em cheques seguintes. Ha todas as probabilidades de o primeiro cheque pago, não ser o mesmo que fôra «á experiencia».

Outra historia que é inventada, é a maneira como foi descoberta a burla. O que se passou foi o seguinte:

O chefe da contabilidade da Exploração querendo unificar as contas com a Caixa Geral dos Depositos, ordenou ao tesoureiro que fôsse ali, metendo-as todas numa caderneta. Examinando o saldo, verificou, então, o referido chefe existir uma diferença de 500 contos. E assim se descobriu a burla. O José Martins só apareceu na Exploração alguns dias depois. Assim é que está certo...

Apesar do silencio da policia, o que sabemos sobre o assunto leva-nos á conclusão de que devem ter responsabilidades no caso um ou mais empregados da Exploração, um falsificador extranho a ela e o José Martins.

* * *

Durante o dia, foram interrogados no Governo Civil varios individuos que sairam em liberdade.

A policia tem intimado todos os individuos cadastrados que usam oculos escuros.

O «Visconde de Cantim» foi hoje acareado com a dona do quarto de Santa Marta que não reconheceu nele o burlão.

Até agora não se encontra ninguem preso, como implicado no caso.

DE LUTO

Manuel Gomez Fernandes

Realisou-se ontem, pelas 14 horas, o funeral do sr. Manuel Gomez Fernandes, de 46 anos, comerciante. saindo o prestito da rua Nova da Trindade, 130, 2.°, esq.°. Deixa viuva a senhora D. Marina Vicente Gomez e dois filhinhos, Joaquim e Rogelio Gomez Vicente.

O funeral foi muito concorrido.

TEATRO MARIA VICTORIA
(Avenida Parque Mayer)
HOJE — 2 espectaculos 2 — HOJE
A revista de colossal exito
TIC-TAC
O numero de PAPILLON DOS CLUBS
por Laura Costa

ATLAS
A Casa Atlas acaba de receber novos tipos de calçado para homem na forma moderna Presidente
Rua do Ouro, 198

A QUESTÃO SUL AFRICANA

Cunha Leal FALA-NOS SOBRE MOÇAMBIQUE

Uma carta do engenheiro Galvão

Levantou o sr. Cunha Leal, como sub-«leader» do partido nacionalista, no Parlamento, a questão das negociações que em Londres uma missão chefiada pelo sr. dr. Augusto Soares, está realisando ácerca de Moçambique.

Fomos ouvi-lo e eis o que nos disse:

— Referi-me, num dos meus discursos, ao engenheiro sr. Alexandre Galvão, que foi director do Caminho de Ferro de Lourenço Marques, inspector das obras publicas de Moçambique e uma das pessoas que acompanhou o general sr. Freire de Andrade nas negociações falhadas entre a União Sul-Africana e a provincia, para um novo convenio. Por erro de informação, tanto eu como Alvaro de Castro, dissémos que o engenheiro Galvão era, tal como o engenheiro Sá Carneiro, partidario da entrega do porto e caminho de ferro a uma empresa particular. Reconheço que fomos enganados nesta informação. Recebi uma carta do engenheiro Galvão de que, embora ela seja particular, lhe dou conhecimento na integra, certo de que ele me perdoará:

Lisboa, 18 de outubro de 1923

Ex.mo Snr. Eng.° Cunha Leal e meu Ex.mo Camarada:

Lendo no extracto parlamentar de alguns jornaes de hoje a affirmação, que lhe é attribuida, de que eu defendo a entrega do porto e caminho de ferro de Lourenço Marques a uma companhia particular, apresso-me a informá-lo de que *nunca defendi tal ideia* que acho mesmo criminosa.

Eu creio que a afirmação que lhe é atribuida não é exacta, tanto mais que eu não faço parte da missão que em Londres se está occupando do assumpto a que V. Ex.ª se referiu.

Mas seja-o ou não, aproveito o ensejo para lhe fazer conhecer o meu modo de ver, absolutamente em concordancia com o seu.

A entrega do porto e caminho de ferro a uma companhia particular é a entrega, *disfarçada*, á União Sul Africana!

Mas, e deixe-me preveni-lo disso; se ainda desta vez não abrirem brecha em Lourenço Marques, creio bem que a abrirão, se não a abriram já, na Beira. Eu creio poder affirmar que a Companhia de Moçambique não tem o necessario controle sobre o porto da Beira.

Veja V. Ex.ª este caso da Beira já que com tanto patriotismo se está occupando do assumpto de Moçambique. Por ali, está o General Smuts crente que poderá começar o *condominio* de Mocambique.

Mas, voltando ao assumpto que me levou a escrever esta carta, se a affirmação realmente tiver sido feita por erro de informação espero o favor do seu desmentido.

Subscrevo-me camarada mt.° att.°

A. Galvão
Coronel de Eng.ª

Uma pequenina observação: não duvido do sr. ministro das Colonas. Mas, o homem que está encarregado das conversas preliminares sôbre o convenio, é o sr. dr. Augusto Soares, administrador-delegado da Companhia de Moçambique, interessada em que o porto da Beira caia em poder de uma organização que represente, pelo menos, o *condominio* da União Sul-Africana naquele porto. Um dos seus conselheiros tecnicos, é o engenheiro Sá Carneiro que, numa comissão nomeada pelo sr. Rodrigues Gaspar, se bateu bravamente pela entrega do caminho de ferro e porto de Lourenço Marques a uma companhia particular, ideia reputada **criminosa** pelo seu colega Galvão.

Não duvido das afirmações do sr. ministro das Colonias, mas mantenho que, se ele tivesse propositos contrarios, não podia ter escolhido melhores representantes.

As minhas informações sobre o engenheiro Galvão eram realmente pouco fundadas e fico-lhe grato pela circunstancia deste desmentido me ter permitido pôr todos os verdadeiros patriotas de sobreaviso quanto ás manobras que o governo acha tão claras e eu, decididamente, não chego a compreender.

* * *

Preguntámos ao sr. Cunha Leal, qual a atitude futura do seu partido. no caso do aumento clandestino da circulação fiduciaria. Disse-nos:

— Que os nacionalistas, emquanto o governo não lhes declarar o que ha quanto a esse gravissimo assunto, não permitirão, parlamentarmente, o minimo acto de vida.

Um guarda

cai ao rio, morrendo afogado

Quando esta manhã, pelas 4 horas, se encontrava de serviço na muralha do Entreposto de Santos, Justino Godinho da Silva, rua de S. João da Praça, n.° 67, 3.°, guarda n.° 28 da Exploração do Porto de Lisboa, caiu ao rio, não mais aparecendo.

Imediatamente foi lançada uma boia de salvação do reboque «Norte» que ali se encontrava, sem resultado. Fizeram pesquizas com uma lanterna o bombeiro municipal n.° 24 e o guarda fiscal 289 da 1.ª C.ª

Presume-se que o infeliz estivesse um pouco embriagado.

A SAIR BREVEMENTE:
TUDO AMOR
CRONICAS E NOVELAS
POR
ARTUR PORTELA

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Machado Santos

Na igreja de Arroios foi hoje mandada resar, pelas 10 horas, uma missa de «Requiem», seguida de «Libera-mé», sufragando a alma do saudoso fundador da Republica, almirante Machado Santos. O primeiro acto, muito concorrido, foi celebrado pelo rev. conego Martins Pontes.

A SAUDE EM LISBOA

Segundo o Boletim de Sanidade Interna, na semana finda em 13 do corrente manifestaram-se em Lisboa 5 casos de difteria, 4 de febre tifoide e 3 de variola.

Provincia de Moçambique

Conferenciou hoje demoradamente com o sr. ministro das Colonias, sobre varios problemas respeitantes á provincia de Moçambique, o Alto Comissario daquela provincia sr. Azevedo Coutinho.

MARIO MONTEIRO
ADVOGADO
Encarrega-se de qualquer assunto e dispõe de agentes no Brasil
Consultas das 10 ás 12 e das 15 ás 17.
Telef. 5432 — Norte
R. Gremio Lusitano, 40, 1.°—(«Jornal da Europa»

A IGREJA E O ESTADO

A ATITUDE DO CLERO

em presença da Republica

Quizemos procurar esta tarde o sr. dr. Pereira dos Reis, o indigitado director das «Novidades» na nova fase jornalistica do velho diario, para lhe fazermos umas preguntas que reputavamos de interesse flagrante, acêrca da politica do Centro Catolico, e, de maneira geral, acêrca da atitude do clero português em face da Republica. O assunto tem sido objecto de discussões varias, mas sempre tocados de azedume; e daí a conveniencia de pôr os pontos nos i i, explicada de uma vez para sempre uma questão quesilenta á volta da qual todos os dias surgem novos e sempre mais lamentaveis equivocos.

Diligenciámos, pois, saber o paradeiro do sr. Pereira dos Reis, e para isso, pedimos, naturalmente, o auxilio de um sacerdote.

Logo que soube o motivo da nossa diligencia, teve esta frase inesperada:

— Isso... meu caro, é uma parvoiçada que vai dar que falar!

— Parvoiçada?!

— Sim senhor; parvoiçada. Chega a ser incrivel que, sobretudo num momento destes, haja catolicos que se atrevam a enveredar por caminho tão perigoso. Vai vêr; vai vêr o sarilho que eles arranjam...

— Eles quem?

— Os do Centro Catolico; pois quem havia de ser?

— Mas o Centro Catolico tem ou não tem o apoio de todo o clero português?

— Quê?! Tem mas é o apoio dos prelados; e aí é que os seus dirigentes se iludem. Em meio da anarquia do nosso tempo, o clero é a unica fôrça disciplinada de Portugal; mas a disciplina não pode obrigar-nos senão em questões directamente ligadas com o exercicio do nosso munus, e os srs. prelados...

— Querem mais?

— Querem. Querem servir-se da sua autoridade para nos forçar a ter como boa a politica enviezada do Centro. Ou, por outra: querem que os padres aceitem esta porcaria desta Republica que ahi está a estrebuchar, chagada das mazelas.

— Que me diz?!

— Digo-lhe isto. Olhe que o abuso já chegou ao ponto de alguns prelados se servirem dos exercicios espirituais para proibirem ao seu clero, como *casus consciencia*e, a proibição da leitura da *Epoca* e do *Correio da Manhã*!

— Mas os exercicios espirituais servem...

— Servem para sanar a consciencia do clero; são uma especie de lavagem espiritual destinada a tonificar a consciencia religiosa de quem neles toma parte. Mas os srs. bispos deram agora em aproveitá-los para os fins politicos que lhes convêm, e dahi...

— Dahi o quê?

— Dahi esta afirmação produzida ainda ha pouco por um ilustre prelado aos padres da sua diocese reunidos para o ouvir com direito de contradicta, porque nos exercicios espirituaes a gente ouve e cala: «a Monarquia? isso foi chão que deu uvas! Pensar já agora na Monarquia é um crime de lesa patria, e é, a par disso, uma prova de estupidez!»

E, a seguir, numa indignação:

— Oh senhor! pois se o arcebispo primaz, o autentico, o que manda, o que dá ordens e orienta é o sr. dr. Domingos Pereira, ministro dos Estrangeiros!

A indignação a crescer:

— E sabe porquê? Sabe porquê? Porque o prelado de Braga, quando foi da restauração monarquica no Norte, deu vivas á Monarquia, e quem o livrou das consequencias foi o sr. Domingos Pereira!

— E' um caso de gratidão.

— Será. Mas o clero é que não tem nada que vêr com as amisades pessoais dos seus bispos para com os homens da Republica.

E a concluir:

— O senhor vai procurar o Pereira dos Reis? Vá, vá. Nós, os colegas dele, talvez tambem tenhamos de o procurar um dia e mais ao sr. Lino Neto para lhes dizer uma palavrinha ao ouvido...